

## “ESTUPRO CULPOSO”: A REPRESENTAÇÃO DE MARIANA FERRER À LUZ DOS PRESSUPOSTOS DO SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

### “RAPE WITHOUT INTENT”: THE TRANSITIVITY SYSTEM IN THE MARIANA FERRER'S JUDICIAL REPRESENTATION IN THE LIGHT OF THE SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p208-228

Alessandra Cristina Costa Mendes<sup>1</sup>  
Magda Bahia Schlee<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo propõe-se a observar a representação de Mariana Ferrer jovem que, em 2018, registrou um boletim de ocorrência relatando ter sido drogada e estuprada em um estabelecimento de luxo em Florianópolis/SC, por meio da análise dos depoimentos judiciais do caderno processual. Assim, o objetivo principal é, através do sistema de transitividade, analisar a linguagem usada pelos depoentes para construir representações de Mariana em quinze depoimentos por meio da seleção dos processos e dos papéis temáticos presentes nos trechos relacionados aos momentos próximos ao ocorrido. O referencial teórico baseia-se nas obras de Halliday e Matthiessen (2014) e de Fuzer e Cabral (2014), à luz do aporte da Linguística Sistemico-Funcional, que descreve e analisa a língua a partir das escolhas potenciais do enunciador. No discurso jurídico, a análise das escolhas léxico-gramaticais feitas pelos falantes em favor dos seus pontos de vista revelaram tendência a representá-la a partir de padrões de comportamento que atendem a modelos socialmente estabelecidos.

**Palavras-chave:** linguística sistêmico-funcional; metafunção ideacional; depoimento judicial; representação da imagem feminina.

**Abstract:** This study proposes to observe the representation of Mariana Ferrer, young who, in 2018, recorded a report of occurrence reporting having been drugged and raped in a luxury establishment in Florianópolis/ SC through the analysis of the court statements of the procedural book. So, the main goal is, through the transitivity system, to analyze the language used by the deponents to build representations of Mariana in fifteen testimonies through the selection of processes and thematic roles present in the passages related to the moments close to the event. The theoretical framework is based on the works of Halliday and Matthiessen (2014) and Fuzer and Cabral (2014), in the light of the contribution of Systemic-Functional Linguistics, which describes and analyzes the language from the potential choices of the speaker/writer. In the legal discourse, the analysis of choices in lexicogrammar made by speakers

<sup>1</sup> Mestre em Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui pós-graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa (UERJ) e em Ensino de Língua Portuguesa (UFRJ). Atualmente, é professora de Língua Portuguesa da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e professora de Língua Portuguesa e Literatura do Governo do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [alecrismendes@gmail.com](mailto:alecrismendes@gmail.com) / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7705-4790>

<sup>2</sup> É professora associada de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, atuando como docente e orientadora no mestrado e doutorado. Integra o grupo de pesquisa SAL (Sistêmica, Ambientes e Linguagens) e o Grupo de Trabalho Linguística Sistemico-Funcional da Anpoll. E-mail: [magdabahiaschlee@gmail.com](mailto:magdabahiaschlee@gmail.com) / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3654-5849>

in favor of their views revealed a tendency to represent it from behavior patterns that meet socially established models.

**Keywords:** systemic-functional linguistics; ideational metafunction; judicial testimony; representation of the female image.

## Introdução

É notório que o papel da mulher tem se modificado nas últimas décadas. Cada vez mais inserida como protagonista na sociedade atual, as mulheres têm assumido novos papéis, para além de dona de casa, mãe e esposa, ocupando postos no mercado de trabalho e cargos de liderança em diferentes áreas. Apesar de todos esses avanços, a herança patriarcal que caracteriza a sociedade brasileira ainda se faz presente em várias situações cotidianas, principalmente na forma como as mulheres são construídas discursivamente.

Como forma de confirmar que tais valores patriarcais ainda se fazem presentes na forma como as mulheres são tratadas e retratadas atualmente em nossa sociedade, este artigo analisa a linguagem usada para construir a representação de Mariana Ferrer, jovem que, em dois mil e dezoito, registrou um boletim de ocorrência relatando ter sido drogada e estuprada em um estabelecimento de luxo em Florianópolis/SC, por meio da análise dos depoimentos judiciais da sentença judicial.

Nesse sentido, vale esclarecer que o termo *representação*, neste artigo, refere-se às escolhas léxico-gramaticais que produzem significados experienciais em contextos específicos. Segundo Halliday e Matthiessen (1999), “representação é a realidade que construímos para nós mesmos por meio dos significados da linguagem”.

Para a consecução do objetivo aqui pretendido, qual seja, verificar em que medida a representação de Mariana Ferrer dialoga com valores patriarcais socialmente construídos durante nossa história, a teoria sistêmico-funcional, que tem como foco os usos da linguagem em contexto, forneceu o ferramental teórico necessário.

A Linguística Sistêmico-funcional, doravante LSF, teoria idealizada por Michael Alexander Kirkwood Halliday e, posteriormente, revista em parceria com Christian Matthiessen (2014), apresenta o léxico e a gramática com igual relevância. Nela, o texto torna-se um conjunto de orações, que são a base da construção dos significados léxico-gramaticais e realizam simultaneamente três funções, que, segundo Halliday (2014), estão subjacentes a todos os usos da língua, as chamadas *metafunções*.

Fuzer e Cabral (2014), com base em Halliday (2014), consideram as *metafunções* manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da

língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual).

Na perspectiva hallidayana, as metafunções são simultâneas na oração, unidade básica da comunicação, visto que as escolhas feitas para representar o mundo, os dados da gramática que permitem perceber a intencionalidade do falante/escritor na interação com os outros e o sistema de organização eleito para construir as orações coexistem em todas as orações. Desse modo, a gramática da língua dispõe de um sistema para cada uma das metafunções, presentes em todo e qualquer enunciado chamado de sistema léxico-gramatical, cujas ferramentas são o sistema de transitividade, o sistema de MODO e o sistema da estrutura temática, que se concretizam simultaneamente em cada oração.

Neste trabalho, a opção pelo sistema de transitividade deve-se ao fato de que este é, segundo a LSF, uma ferramenta que permite a representação e percepção do mundo por meio de processos, participantes e circunstâncias.

Assim, o presente artigo, inicialmente, apresenta uma breve seção sobre os alicerces teóricos que respaldaram a pesquisa. Em seguida, são descritos os procedimentos metodológicos empregados e apresentada a análise e discussão dos dados levantados. Ao final, as conclusões encerram o artigo.

## **1 Alicerces sistêmico-funcionais: o sistema de transitividade**

Para a LSF, o sistema gramatical pelo qual a experiência é construída chama-se *transitividade*, que caracteriza os eventos como orações centradas em tipos de processos, os quais constituem tipos diferentes de domínios de experiência. Assim, os três componentes essenciais a esse sistema são: o *processo*, expresso tipicamente por verbo ou por locução verbal, referindo-se ao que está acontecendo; os *participantes*, representados por sintagmas nominais que retratam seres ou coisas animados ou inanimados; as *circunstâncias*, representadas pelos sintagmas adverbiais ou preposicionados com valor circunstancial que indicam tempo, modo, causa, dentre outros.

Na LSF, o sistema de transitividade envolve toda a oração e está centrado no *processo*, elemento principal da oração, acompanhado dos *participantes* e das *circunstâncias*. Assim, os conceitos de *processos*, *participantes* e *circunstâncias* explicam, de modo geral, como os fenômenos da nossa experiência são construídos na estrutura linguística.

As *circunstâncias* são condições relacionadas aos processos, realizadas por advérbios, sintagmas adverbiais ou por grupos preposicionais. De acordo com Fuzer e Cabral (2014,

p. 53), podem ser dos seguintes tipos: extensão, localização, modo, causa, contingência, acompanhamento, papel, assunto, ângulo.

No que se refere aos processos, para Halliday (2014), há três considerados básicos: *materiais*, que representam o que acontece no mundo, os chamados processos do fazer; *mentais*, que indicam o que acontece na consciência, ligados ao aspecto cognitivo, ao que se sente, ao que se vê, ao que se pensa, são os processos do sentir; e os *relacionais*, que estabelecem relações entre elementos. Na fronteira entre eles, há outros processos considerados intermediários, pois têm proximidade com dois dos três processos básicos: processos *verbais* (relacionais/mentais), processos *existenciais* (materiais/relacionais), processos *comportamentais* (mentais/materiais).

Os participantes são classificados de acordo com os processos e os mais relevantes a este estudo estão descritos no Quadro 1:

Quadro 1 - Exemplos de análise dos processos e seus respectivos participantes na sentença do caso Mariana Ferrer

<b>PROCESSO</b>	<b>PARTICIPANTE</b>	<b>EXEMPLOS</b>
<b>MATERIAL</b> Relacionado ao “fazer”, tange à execução das ações e acontecimentos do mundo real.	<b>ATOR</b> Aquele que conduz a ação.	(F3614) Que no dia dos fatos <u>(Mariana) bebeu</u> uma dose de Gin.
	<b>META</b> Aquele que recebe a ação.	(F3614) Que no dia dos fatos (Mariana) bebeu <u>uma dose</u> de Gin.
	<b>BENEFICIÁRIO</b> Aquele que se beneficia da ação ou é atingido por ela.	(F3617) Que teve um momento de euforia e tiveram que <u>lhe dar</u> água.
	<b>ESCOPO</b> Aquele que não é afetado pelo processo.	(F3616) Que teve pessoas que <u>lhe mandaram vídeo da festa.</u>
	<b>ATRIBUTO</b> Constitui uma característica que é atribuída a um dos participantes.	(F3616) Que foi até o 300 de apê, <u>sozinha</u> , de salto, totalmente escuro
<b>MENTAL</b> Relacionado ao “sentir”, representam as experiências internas.	<b>EXPERIENCIADOR</b> Aquele que sente, pensa ou vê.	(F3614) Que só <u>(Mariana)</u> lembra de chamar Fernanda pelo Whatsapp;
	<b>FENÔMENO</b> Aquilo que é sentido, pensado ou visto.	(F3615) (Mariana) não conhece <u>o acusado</u>
<b>RELACIONAL</b> Relacionado ao “ser”, estabelece relação entre os participantes.	<b>PORTADOR</b> Aquele a quem a característica é atribuída.	(F3614) <u>(Mariana)</u> era influenciadora e modelo.
	<b>ATRIBUTO</b> A característica atribuída ao portador.	(F3615) Ele não se aproximou de si quando estava <u>normal.</u>
	<b>IDENTIFICADOR</b> Aquele que identifica, determina a identidade do participante.	(F3635) Deduziu que era <u>a Mariana.</u>

	IDENTIFICADO Aquele que recebe a identificação.	(F3623) <u>A função da Mariana e das demais embaixadoras era de divulgação de material promocional.</u>
	POSSUIDOR Nas relações possessivas, é aquele que detém a posse.	(F3614) <u>(Mariana) tem provas disso</u>
	POSSUÍDO Aquele (ou aquilo) que sofre a posse.	(F3614) <u>(Mariana) tem provas disso.</u>
COMPORTAMENTAL Expressa o comportamento humano.	COMPORTANTE Um ser consciente que realiza processos comportamentais com características materiais, mentais ou verbais.	(F3615) <u>(Mariana) estava tremendo.</u>
VERBAL Instrumentaliza o que se diz.	DIZENTE Aquele que diz, comunica, aponta algo	(F3615) <u>Até o Uber disse que estava sob efeito de substância entorpecente</u>
	RECEPTOR A quem o processo verbal se dirige.	(F3616) <u>Que relatou para o delegado Pericles e Mauricio</u>
	VERBIAGEM Codifica o que é dito ou comunicado	(F3617) <u>(Jéssica) pediu desculpa</u>
EXISTENCIAL Representam algo que existe ou acontece.	EXISTENTE Aquilo que existe.	(F3632) <u>No local, havia bastante gente [entre 10 e 15 pessoas].</u>

Fonte: As autoras, 2022

Como podemos observar, o sistema de transitividade possibilita fazer a representação do mundo extralinguístico. Nesse contexto, as escolhas não são, pois, aleatórias, são significativas de acordo com o contexto de uso em que são empregadas.

Desse modo, a linguagem representa as experiências dos indivíduos e as relações estabelecidas entre eles e o sistema de transitividade configura os eventos como orações centradas em tipos de processos, os quais constituem tipos distintos de domínio da experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Essa é a ferramenta que propicia a interpretação e a construção da experiência humana, desvelando identidades que são construídas conforme a intencionalidade do falante/escritor.

## 2 Metodologia

O *corpus* é composto pelos quinze depoimentos da sentença judicial proferida pelo Juiz de Direito Rudson Marcos, promulgada em nove de setembro de dois mil e vinte, na qual ele encerra o processo nº 0004733-33.2019.8.24.0023, julgando improcedentes os pedidos formulados na denúncia e absolvendo o acusado André de Camargo Aranha. O documento tem

cinquenta e uma páginas e é composto por relatórios, boletim de ocorrência registrado na delegacia, relação de termos e laudos elaborados durante a investigação, resumo das etapas do processo que fazem referência às folhas do processo, fundamentação que apresenta os artigos da legislação vigente e que respaldaram a sentença, resultado dos exames de alcoolemia e de toxicologia, depoimentos judiciais da vítima, do acusado e das demais testemunhas, parecer do juiz e, finalizando, a conclusão da sentença.

Os depoimentos judiciais constam nas páginas F3614 a F3649 e serão analisadas as orações em que Mariana Ferrer e seus referentes são participantes implícitos ou explícitos, destacados nos textos originais em *itálico*. Nas orações em que ocorre ocultação ou exclusão do participante, são feitas inserções no texto original indicadas entre parênteses e *itálico*.

Cabe ressaltar que o depoimento é um testemunho, uma manifestação linguística que serve de base para registrar fatos que estão nas memórias de uma pessoa, garantindo a expressão da verdade. É um relato (presumidamente) fundamentado, que pretende auxiliar no esclarecimento da verdade. É, portanto, um meio de produção de provas, já que são as pessoas que viveram efetivamente os fatos e que têm melhor conhecimento da causa que gerou determinada controvérsia levada ao poder judiciário é que o realizam de forma discursiva, a fim de esclarecer e convencer o juiz quanto aquilo que está sendo discutido no processo.

Esse registro das falas tem muita relevância na instância jurídica por ser o início de qualquer processo. Os depoentes são convocados para relatar suas versões e são classificados como *vítima*, *réu* ou *testemunha*, esta última não pode ser representada por familiares, devido ao conflito de interesse que pode existir com uma das partes envolvidas. Caso o juiz julgue necessário, o juiz pode ouvi-los na condição de informantes. A estrutura dos textos é apresentada de forma mais ou menos semelhante: as orações são respostas às perguntas realizadas durante o interrogatório e obedecem a padrões pré-determinados. São transcritas por funcionário habilitado para a função e introduzidas por “que”, de acordo com a ordem cronológica da enunciação.

Selecionamos as palavras que fazem referência à Mariana Ferrer: *Mariana, menina, moça, vítima, passageira, filha, ela, dela, nela, seu, sua, lhe, si, consigo, a (la, na)*. Também foram consideradas palavras que fazem referência aos grupos com que ela tem envolvimento: *elas, eles, todas, todos*. Nas orações em que ocorreu elipse, foram feitas inserções no texto original indicadas entre parênteses e *itálico*. Após a classificação dos processos e participantes relacionados à *Mariana*, segundo o Sistema de Transitividade, quantificamos e analisamos os dados conforme exposto a seguir.

### 3 Análise e discussão

Como dito anteriormente, a metafunção experiencial trata da representação dos significados do mundo exterior e do mundo psicológico, por meio do sistema de transitividade. Nessa perspectiva, os verbos e termos a eles associados (*processos e participantes* para a LSF) combinam-se para formar o perfil de alguém, para a construção específica de uma imagem, a qual é desejada pelo autor. (CUNHA; SOUZA, 2007, p. 22).

Nesse contexto, expomos, a seguir, a distribuição classificatória das 260 orações que fazem referência ao termo *Mariana* nos excertos que serão apresentados posteriormente: na Tabela 1, a classificação dos processos e, na Tabela 2, os resultados da análise dos participantes:

Tabela 1: Análise quantitativa dos processos relativos à Mariana Ferrer nos quinze depoimentos judiciais da sentença

<b>Processos/ Excertos</b>	<b>Ex 1</b>	<b>Ex 2</b>	<b>Ex 3</b>	<b>Ex 4</b>	<b>Ex 5</b>	<b>Ex 6</b>	<b>Ex 7</b>	<b>Ex 8</b>	<b>Ex 9</b>	<b>Ex 10</b>	<b>Ex 11</b>	<b>Ex 12</b>	<b>Ex 13</b>	<b>Ex 14</b>	<b>Ex 15</b>	<b>Totais</b>
Material	12	9	7	3	11	4	9	3	5	2	21	3	2	9	14	114
Relacional	12	10	3	2	0	3	4	3	3	0	11	0	3	6	1	58
Mental	23	3	2	0	0	1	1	2	2	1	1	3	0	3	3	45
Verbal	0	3	0	0	0	0	1	0	0	0	13	2	0	1	1	24
Comportamental	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	9	0	0	0	2	16
Existencial	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>28</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>55</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>21</b>	<b>260</b>

Tabela 2: Análise quantitativa dos participantes relativos à Mariana Ferrer nos quinze depoimentos judiciais da sentença

<b>Participantes/ Excertos</b>	<b>Ex 1</b>	<b>Ex 2</b>	<b>Ex 3</b>	<b>Ex 4</b>	<b>Ex 5</b>	<b>Ex 6</b>	<b>Ex 7</b>	<b>Ex 8</b>	<b>Ex 9</b>	<b>Ex 10</b>	<b>Ex 11</b>	<b>Ex 12</b>	<b>Ex 13</b>	<b>Ex 14</b>	<b>Ex 15</b>	<b>Totais</b>
Ator	9	5	7	3	11	4	10	2	5	2	17	3	2	9	7	96
Experienciador	23	2	1	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	3	2	35
Portador	8	4	2	2	0	3	2	2	1	0	11	0	0	0	0	35
Dizente	0	3	0	0	0	0	1	0	0	0	11	2	0	1	1	19
Possuidor	4	6	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	5	0	17
Comportante	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	9	0	0	0	1	15
Circunstância	0	3	1	0	0	0	1	2	1	0	1	0	0	1	4	14
Fenômeno	0	1	1	0	0	1	1	2	1	1	0	1	0	0	1	10
Meta	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	7
Ator/meta	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
Existente	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
Possuído	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Receptor	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2

Alvo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Atributo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Beneficiário	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Escopo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Identificado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Identificador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Verbiagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>28</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>55</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>21</b>	<b>260</b>

Os excertos analisados são parte das narrativas em que os depoentes relatam o momento em que tiveram contato com Mariana ou o momento em que ela própria narra o ocorrido: as análises estão organizadas de acordo com a sequência apresentada no caderno processual, conforme a cronologia dos fatos: Mariana Borges Ferreira, (vítima); Luciane Aparecida Borges (mãe da vítima); Jéssica Weiss Raulino Ramos, Enya Costa Silva Sanches, Gian Pierre Ribeiro, Karen Helena Marins Arantes, Sidiney Macedo Júnior, Franciely Amaral, Sabrina Camargo Leite, Roberto Marinho Neto, Roger Rodrigues da Silva, Fábio Silveira Volpato, Mirella Frascino Musumeci (testemunhas); e André de Camargo Aranha (acusado).

A primeira depoente é Mariana Ferreira Borges, a vítima no processo que acusou André de Camargo Aranha de estupro ocorrido durante uma festa em uma casa de eventos em Florianópolis, Santa Catarina, na qual ela trabalhava como embaixadora. À época do fato, Mariana tinha vinte e um anos de idade, era virgem e vivia com sua mãe e sua irmã. A jovem trabalhava sem vínculo empregatício no Café de La Musique, uma casa de eventos em Jurerê Internacional, bairro nobre de Florianópolis. Recebia em torno de cento e cinquenta reais a cada dia trabalhado e mais duzentos reais para consumação durante o evento. Sua versão acerca do fato é descrita no Excerto 1:

“Que, antes dos fatos, (*Mariana*) estava dopada, (*Mariana*) teve um lapso temporal de memória, (*Mariana*) não sabe de nada depois da Sabrina *lhe* puxar para tirar uma foto no bangalô; Que (*Mariana*) só lembra de chamar Fernanda pelo Whatsapp; Que os fatos foram antes das 22:25horas, (*Mariana*) acredita que era perto das 19:30 horas, estava claro, não tinha escorrecido; Que (*Mariana*) tem a prova do Whatsapp, da conversa com Fernanda; Que (*Mariana*) só recorda dos fatos ate as 19:30horas, depois disso (*Mariana*) não recorda, (*Mariana*) teve um lapso de memória; Que, depois, só (*Mariana*) lembra que (*Mariana*) estava descendo uma escada escura, parecia que (*Mariana*) estava voando, (*Mariana*) só queria sair dali; Que tinha um segurança na porta; Que, (*Mariana*) apenas queria saber porque (*Mariana*) estava sozinha, porque seus amigos tinha *lhe* abandonado, (*Mariana*) não tinha noção do lugar que (*Mariana*) estava; Que o local, aparentemente parece ser um camarim, segundo as fotos e filmagem; [...] Que, (*Mariana*) não estava raciocinando, foi uma sensação que perdurou até o outro dia, somente a noite, do outro dia, que (*Mariana*) voltou, demorou a cair a ficha, até hoje (*Mariana*) tenta pensar, de tudo que (*Mariana*) passou, violência e pessoas que não *lhe* prestou auxílio, etc; Que durante esse

momento, (*Mariana*) não recorda de nada, (*Mariana*) não consegue recorda nada sobre algo sexual; Que, no momento que (*Mariana*) descia as escadas, (*Mariana*) parecia um robô, (*Mariana*) não raciocinava, (*Mariana*) não estava entendendo nada, (*Mariana*) estava com sensação que (*Mariana*) estava voando, (*Mariana*) estava tremendo, (*Mariana*) não tinha coordenação motora, (*Mariana*) não conseguia mandar mensagem, áudio, depois que (*Mariana*) escutou, (*Mariana*) até ficou assustada pela forma que (*Mariana*) mandava mensagem e áudio, até o Uber disse que (*Mariana*) estava sob efeito de substância entorpecente; Que (*Mariana*) mandou mensagem para Sidnei, Sabrina e Fernanda, (*Mariana*) não recorda a ordem, (*Mariana*) tentou ligar, eles não atendiam, (*Mariana*) mandou mensagens pedindo socorro; Que (*Mariana*) não tinha noção da violência que (*Mariana*) tinha sofrido, (*Mariana*) não sabia que (*Mariana*) estava dopada, até porque, se (*Mariana*) soubesse (*Mariana*) teria ligado para sua mãe”. (BRASIL, 2020, p. 3615)

No Excerto 1, identificamos muitas orações relacionadas aos referenciais de Mariana e, nelas, verificamos a ocorrência de processos mentais, *recordar*, *lembrar*, *saber*, *acreditar*, representando o momento em que Mariana se diz inconsciente, exercendo a função de experienciador na maioria das ocorrências. Quanto aos materiais, estes fazem a representação das ações de Mariana antes e depois do fato: *voltar*, *descer*, *mandar*(*enviar*), no entanto, como meta, ela aparece com processos em que ela é afetada: *puxar*, *abandonar*. Nos processos relacionais, a preferência discursiva é por processos relacionais possessivos, majoritariamente representados pelo processo *ter*, ou pelo processo atributivo *estar*.

Os processos relacionais também são relevantes na representação discursiva de Mariana por sua mãe, Luciane Aparecida Borges, quem a recebeu ao chegar a sua casa depois do fato ocorrido. Luciane teve duas filhas e tinha várias profissões com as quais ela conseguia custear as despesas da casa e prover o sustento da família. No seu discurso, ela busca ressaltar a virgindade de Mariana como forma de construir sua imagem de pura, ingênua e casta. Por sua relação de parentesco com a vítima, Luciane não pôde depor na condição de testemunha, mas como informante. De acordo com a sua versão, Mariana estava com a maquiagem desconfigurada por ter chorado muito. Foi ela quem deu banho em Mariana, retirou a roupa que seria uma das provas materiais do crime e a acompanhou nos fatos que se sucederam. O trecho extraído de sua narrativa é o seguinte (Excerto 2):

Que *Mariana* subiu com sua outra filha; Que o rosto da *Mariana* estava todo sujo, desconfigurado, nisto deu a confusão, como o segurança não viu o rosto *dela*; Que, na sua cabeça, não sabia de nada, o rosto *dela* estava todo borocado; Que *ela* chorava muito no Uber; Que nas filmagens, da para ver que (*o rosto de Mariana*) não estava desconfigurado; Que *ela* chorava muito, (*Mariana*) pedia para chamar o pai; Que pagou o Uber, R\$47,00; Que Geovana entregou o dinheiro para o Uber; Que colocou *Mariana* no chuveiro, tirou a roupa (*de Mariana*), colocou (*Mariana*) debaixo do chuveiro, sentiu um cheiro ruim, que a roupa (*de Mariana*) tinha sangue, puxou *ela* na hora; Que (*Mariana*) tremia muito, nem sabia o que fazer; Que no momento, só pensou em pegar um saco que estava perto, e colocou a roupa (*de Mariana*) dentro; [...] Que *ela* não tinha cheiro de álcool, nem o Uber disse que (*Mariana*) tinha; Que na roupa (*de Mariana*) não tinha cheiro de álcool, só cheiro de sangue e esperma; Que *ela* estava

estática; Que *ela* nunca daria a senha do celular para a irmã, e *ela* deu, (*Mariana*) nunca faria isso; Que apareceu uma 3 filmagem de alguém que fez dentro do bangalô; Que *Mariana* não tinha namorado, mas com 16 anos (*Mariana*) teve um namorinho, nem chegou ser um namoro, porque o pai dela não quis; Que *Mariana* não falou nada, (*Mariana*) nem viu, quem viu foi eu, *ela* disse que (*Mariana*) sentiu dores no outro dia na vagina. (BRASIL, 2020, p. 3620-3621)

Nas orações do relato de Luciane, o uso frequente dos relacionais contribui para a descrição de Mariana, portadora de atributos que ora a representam como vítima de sedução e de estupro, como em “Que (*Mariana*) tremia muito, nem sabia o que fazer”, ora constroem sua representação como uma menina decente, conforme padrões sociais, como em “(...) mas com 16 anos (*Mariana*) teve um namorinho”. Parece-nos que há, necessariamente, uma relação implícita entre castidade e estupro. Na verdade, a representação de Mariana feita pela mãe confirma a ideia socialmente construída de que a mulher, se não for pura, ingênua e casta, autoriza, de certa forma, comportamentos indevidos por parte dos homens (cantadas inconvenientes, assédio e até estupro). Vale ressaltar, ainda, os processos mentais como *ver* e *sentir*, que reforçam a indicação da percepção e da cognição de Mariana que estavam comprometidas nos momentos subsequentes ao crime.

Opondo-se à representação de Mariana que o discurso da sua mãe se propõe a construir, a seguir veremos o relato de Jéssica Weiss Raulino Ramos, responsável pela equipe de embaixadoras do clube, quer dizer, coordenava o trabalho das moças responsáveis por divulgar os eventos nas redes sociais e por auxiliar na recepção dos presentes. No seu discurso, ela faz questão de deixar claro que não tinha relação de proximidade com Mariana, apenas mantinham relação profissional, como veremos na sua narrativa (Excerto 3):

No dia dos fatos, que ela estava na piscina, a *Mariana* estava com um copo na mão. Acredita que era gin tônica, mas pode ser vodka. Era um copo transparente. No dia seguinte, não perguntou para alguém se *ela* tinha bebido. Não viu *ela* se relacionar com homens no local, pois não fica junto *dela*. Há uma parte da equipe de promoção que trabalha no Café e no 300 (trezentos), sendo que tinham o costume de ficarem juntas. Considerando que a *Mariana* não trabalhava no 300 (trezentos), (*elas*) não ficavam juntas. Nunca saiu do Café junto com *ela*. Já soube *dela* chegar com caras, mas não sabe se (*Mariana*) estava ficando ou não. Uma vez, *ela* fez um trabalho em um barco e (*Mariana*) chegou com o Gui Araújo. *Ela* queria que liberassem o acesso de homens após às 18 horas, mas isso não pode. (BRASIL, 2020, p. 3625)

Observando as orações do Excerto 3, destacamos as orações materiais, pois, em todas elas, Mariana é ator, ou seja, é o participante responsável por despender a energia inerente aos processos. O grande número de processos materiais acaba por representar Mariana como uma mulher de iniciativa e essa representação, associada à ideia de que ela estava consciente, acaba por se contrapor ao senso comum socialmente construído de que a mulher, para ser considerada vítima, deve ser frágil.

O Excerto 4 corresponde ao relato de Enya Costa Silva Saches, também encarregada de fazer divulgação de eventos nas redes sociais. Ela é testemunha arrolada pela defesa e afirmou ter tido contato com Mariana na descida do camarim, local onde teria ocorrido o estupro. Ela demonstra não ter afinidade com o acusado, mas inferimos que há relação profissional com os sócios do clube. Sua versão sobre o fato é a seguinte:

Sabe o que todo mundo falou, que *ela* subiu a escada com alguém. Relata que, no dia dos fatos, estava saindo do Café, por volta das 21h30-22h00min. Foi entregar a comanda de consumo e encontrou a *vítima*, no balcão da porta do Café. Conversaram rapidamente, *ela* estava bem, normal. (*Mariana*) Aparentava estar bêbada, mas nada fora do normal. Logo em seguida, foi embora. [...] Viu a *Mariana* ficando com uma pessoa em data anterior. (BRASIL, 2020, p. 3620-3626)

Em seu depoimento, Enya parece não querer se comprometer com os fatos narrados, contudo alguns processos empregados por ela acabam por contribuir para uma representação negativa de Mariana. A recorrência de processos relacionais acompanhados pelos atributos “bem”, “normal”, “nada fora do normal” indica que Mariana estava consciente do que a vítima declara em seu depoimento.

Já em relação aos processos materiais, cabe destacar o processo *ficar* em “viu Mariana ficando com uma pessoa” é uma expressão empregada para caracterizar um relacionamento sem compromisso, mas que envolve manifestações físicas. Nesse sentido, fica registrada a imagem de Mariana como aquela que se envolvia com clientes, o que, numa sociedade conservadora e machista, favorece a construção da imagem de “mulher fácil”, postura que autorizaria, de certa forma, atitudes inconvenientes por parte dos homens.

Com a função de controlar o acesso a áreas restritas no Café de La Musique, o segurança Gian Pierre Ribeiro, o quinto depoente, afirmou ter presenciado a entrada de André e Mariana no camarote, bem como percebeu a saída dela e, logo em seguida, a saída dele. É, portanto, funcionário da casa de festas, fato que pode ter influenciado seu depoimento sobre os fatos ocorridos. Suas percepções estão presentes no seguinte trecho (Excerto 5):

Em relação aos dias do fato, recorda-se do Sr. André e da *moça* indo ao local. Após alguns minutos, desceu primeiro *ela* e, após, desceu o Sr. André. *Eles* subiram juntos no local, mas (*eles*) não desceram juntos. A *Mariana* desceu primeiro e, logo em seguida, ele desceu. *Ela* desceu, (*Mariana*) passou pelo depoente, e (*Mariana*) saiu caminhando para o lado esquerdo, em direção ao bar. [...] A *Mariana* desceu normal. Do jeito que *ela* subiu, *ela* desceu. (BRASIL, 2020, p. 3627)

Nesse último excerto, percebemos que o depoimento do segurança não favorece a vítima. Na verdade, o depoente parece mais preocupado em não se comprometer. Vale ressaltar,

também, a representação de Mariana dentro dos padrões de normalidade. Os processos *subir* e *descer* empregados repetidamente, acompanhados do atributo *normal*, marcam um esforço para representar o estado de consciência de Mariana. Essa ideia é reforçada pela menção à constante fiscalização e, conseqüentemente, ausência de drogas. Em seu relato, o funcionário do estabelecimento parece, assim, mais preocupado em retratar a normalidade da situação e do comportamento dos envolvidos.

O excerto seguinte pertence ao depoimento de Karen Helena Marins Arantes, uma das divulgadoras de eventos de várias casas da região. No dia do fato, era responsável por autorizar a entrada das pessoas na casa, uma espécie de recepcionista. Apesar de não fazer parte do quadro de funcionários efetivos do clube, há a relação implícita de vínculo com o local em que trabalhava e com as pessoas que o gerenciam, como veremos no Excerto 6:

*Ela não era reservada, (Mariana) sempre se envolvia com as pessoas. Era uma pessoa solícita, não introspectiva. (Mariana) Era uma menina normal, que (Mariana) vai para festa e já (Mariana) era conhecida de festa. No dia ela chegou acompanhada com a Sabrina, com o Sid e com a Ale. Teve toda aquela cena do almoço. Da porta, não tinha visão completa de dentro da casa. Tinha visão de dentro da casa, mas não nítido de quem estava sentado aonde. Não viu a Mariana na mesa do almoço e tampouco ela bebendo algo. (BRASIL, 2020, p. 3629-3632)*

Tomando-se por base a ideia socialmente construída de como deve se portar a mulher para que não pairam dúvidas sobre ela e, assim, ela possa ser considerada como vítima, o depoimento acaba por prejudicar a “imagem” de Mariana diante do juiz. Os atributos empregados por Karen constroem Mariana como uma pessoa extrovertida e sociável (“Ela não era reservada”, “não introspectiva”). Também o emprego do processo *envolver* deixa ambíguo o tipo de envolvimento que ela estabelecia com as pessoas, dando margem à interpretação de envolvimento afetivo e/ou social.

No Excerto 7, percebemos que o depoimento de Sidiney, amigo de Mariana, não difere muito dos outros depoimentos da acusação em relação ao grau de comprometimento com a defesa da vítima. Ele é homossexual e namorado de um dos sócios do estabelecimento, o que põe em xeque a neutralidade do seu discurso. Vejamos a sua versão no Excerto 7:

*Nesse dia, estava no Café de La Musique. Se encontrou com a Mariana já no estabelecimento. Acredita que chegou por volta das 15 horas no Café de La Musique. (Eles) Almoçaram juntos. A Mariana exercia a função de embaixadora no estabelecimento. [...] Após o almoço, (eles) se dirigiram para a área da festa. (Eles) Ficaram pouco tempo juntos, pois ela foi para a área da piscina. A piscina é um camarote, onde ficam as demais embaixadoras. Homem não pode entrar. Em razão disso, foi para um bangalô de um amigo seu. (Eles) Voltaram a se falar apenas à noite. No período da noite, ela não reclamou de nada. Entretanto, viu ela bebendo. Não se recorda o que ela bebeu. Almoçou com a Mariana, na mesma mesa. [...] Não presenciou a Mariana ficando com alguém. O último horário que viu a Mariana era,*

aproximadamente, 21h30-22h00min. Nesse último momento, a *Mariana* estava alegre. (*Mariana*) Não estava normal, sóbria. (BRASIL, 2020, p. 3633)

Há, também, predomínio dos processos materiais, *almoçar, beber, ir, voltar*, indicando que os primeiros momentos da festa foram como todos os outros eventos que frequentaram juntos. No segundo momento da sua narrativa, ele utiliza processos relacionais para descrever Mariana como participante portador de características “alegre” e “não estava normal, sóbria”. Mais uma vez o estado de consciência de Mariana é posto em xeque, colocando em dúvida a confiabilidade do relato da vítima. E, mais uma vez, é a figura feminina que é julgada como se estar ou não embriagada servisse como salvo conduto para o estupro.

No depoimento de Franciely Amaral, namorada de um dos sócios do Café de *La Musique*, ela relata que esteve com Mariana no início da festa e em outros curtos períodos do evento, mas ressalta não ter tido contato com a vítima durante ou após o jantar, como confirma o exposto no seu depoimento (Excerto 8):

Naquele dia, o primeiro contato que teve com *ela* foi quando *ela* estava na mesa com a Sabrina, o Sidiney, a Ale. [...] Estava muito embriagada, não lembra das coisas. O Aranha não comentou se ficou com a *menina* naquele dia. Não viu o acusado com a *Mariana*, naquele dia. Não permaneceu com a *Mariana*, porque (*Mariana*) não era sua amiga. Apenas chamou a Sabrina e a *Mariana* veio junto. Viu a *Mariana* em 3 (três) pontos da festa: no almoço, na piscina e no bangalô. (BRASIL, 2020, p. 3634-3635)

No Excerto 8, Franciely, como outros depoentes, parece não querer se comprometer com o seu relato. Para tanto, em sua narrativa sucinta, ela alega estar muito bêbada e demonstra que sua relação com Mariana ocorreu através de outras pessoas.

Da mesma forma, Sabrina Camargo Leite também transparece superficialidade na relação com Mariana no dia do fato. Diferente de Mariana, ela não estava no evento a trabalho, mas para aproveitar a festa. Seu grupo de amigos era formado por outros jovens em condição social semelhante à da vítima. Seu relato sucedeu da seguinte forma (Excerto 9):

Esteve com a *Mariana* na hora do almoço, por volta das 16h00min-17h00min; na hora que *ela* brigou com a promoter da casa; na hora da piscina e na parte da noite. Nesses momentos, a *Mariana* estava com copo na mão, mas não sabe o que tinha dentro. (*Elas*) Foram ao bar e a *Mariana*, com o cartão de promoter, pegou uma bebida para depoente. Após, (*Mariana*) pegou uma bebida para si. A mãe da vítima relatou que a *Mariana* tinha alergia a energético. Achou estranho que na bebida tivesse energético. Bebeu pouco da bebida que *ela* pegou no bar. Não se recorda de nada estranho. Não presenciou a *Mariana* beijando ninguém. Não se recorda se a *Mariana* conversou com algum homem. (BRASIL, 2020, p. 3638)

As orações relacionais (3) têm bastante representação nesse discurso e trazem a localização de Mariana durante o evento. Também destacamos a ocorrência de Mariana como

portador de *copo na mão*, pondo em dúvidas a possibilidade de a vítima ter sido drogada. Mais uma vez Mariana é representada como uma figura distante, amorfa, representação essa que em nada favorece a defesa de Mariana.

O próximo excerto pertence ao discurso de um amigo de André de Camargo Aranha, Roberto Marinho Neto, empresário e herdeiro das Organizações Globo. No seu depoimento, há pouca referência à Mariana, já que ele declara que não teve contato com ela durante o evento. É um discurso breve que aparenta pretender demonstrar distanciamento com a situação da denúncia. Vejamos a sua declaração a respeito do fato (Excerto 10):

Durante a festa, não vi o momento em que o acusado abordou a *Mariana*. [...] No dia dos fatos, disse que não pode se recordar diretamente da *vítima*, pois tinham muitas pessoas no local. [...] Achou estranho que a mãe da vítima lhe imputou o crime, mas não quer emitir juízo de valor. Estranhou o fato, mas nega que tivesse qualquer espécie de contato com a *vítima*. (BRASIL, 2020, p. 3639-3640)

Como podemos observar, a declaração de que Roberto não teve contato com Mariana é confirmada por meio de orações mentais com polaridade negativa. O emprego desses processos reforça o objetivo dele de marcar distanciamento da vítima. Mariana é fenômeno do processo mental *recordar* em que ele é experienciador.

Em seguida, veremos o depoimento de Walton Souza Rabbi, motorista do veículo que atendeu ao chamado de Mariana feito pelo aplicativo Uber. Sua relação com Mariana se restringe ao período da viagem, cerca de trinta minutos. Vejamos um trecho do seu depoimento (Excerto 11):

Chegando no local, se deparou com uma *moça*. A primeira impressão que teve é de que a *moça* tinha ido ao local, (*Mariana*) não conseguiu entrar e (*Mariana*) estava voltando embora. Aparentemente, *ela* estava impecável: a roupa, a maquiagem. A *passageira* usava uma roupa branca. O estabelecimento era o Café de La Musique. *Ela* ingressou no veículo. Conduziu *ela* até a Cachoeira do Bom Jesus, em sua residência. Não houve nenhuma conversa. A *passageira* entrou no carro. Perguntou a *ela* se estava tudo bem, como (*Mariana*) foi no local e porque (*Mariana*) já iria embora. Perguntou se não estava bom lá dentro. *Ela* disse que não estava. Antes *dela* ligar para alguém, percebeu que *ela* começou a chorar. A *passageira* entrou normal no veículo. Após 1km, *ela* começou a chorar e (*Mariana*) ligou para alguém. Ouvindo a conversa, percebeu que a *passageira* falava com sua mãe. *Ela* chorou durante a conversa, (*Mariana*) foi chorando a viagem toda. (*Mariana*) Chorando bastante. *Ela* só repetia as mesmas coisas: “ninguém tem amigo, não pode confiar ninguém.. cadê meu pai? Quero meu pai”. *Ela* sempre repetia as mesmas coisas. A impressão que se tinha é de que, alguma forma, *ela* estava alterada. *Ela* não aparentava estar embriagada. (*Mariana*) Estava vestida, toda alinhada, bem maquiada. Durante a viagem, *ela* começou a chorar, demonstrar uma certa alteração que não era normal. [...] A *passageira* estava, aparentemente, alterada por efeito de alguma substância, pois normal *ela* não estava. Não sabe dizer qual a substância, mas algo que tira a pessoa de sua normalidade. Bebida não era, porque não havia cheiro de álcool. *Ela* começou a se descontrolar, (*Mariana*) dizer frases repetidas. A impressão é que *ela* estava alterada por alguma substância, (*Mariana*) dizia frases repetidas. A *passageira* disse a viagem inteira as mesmas frases. A viagem demorou uns 30 (trinta) minutos, era algo repetitivo, cansativo. *Ela* sempre dizia a mesma coisa, (*Mariana*) não mudava

o discurso. Quando *ela* entrou no Uber, (*Mariana*) estava sozinha. No local, *ela* estava sozinha, parada, esperando. Não recebeu ameaças ou xingamentos por parte *dela* e nem por parte de ninguém. Não conversou com *ela*, apenas no início. Perguntou se estava tudo bem, como estava. *Ela* pegou o celular, (*Mariana*) ligou para mãe e (*Mariana*) permaneceu durante a viagem no celular. A *passageira* começou a chorar logo em seguida a entrar no carro. Após *ela* começar a chorar, (*Mariana*) pegou o celular e (*Mariana*) foi conversando com a mãe. *Ela* não citou o nome de amigos. (*Mariana*) Só dizia para não confiar em ninguém e que não era para confiar nos amigos. Parece que deixaram *ela* sozinha e foram para outro lugar. Em nenhum momento *ela* disse que (*Mariana*) foi estuprada, atacada, agredida. (BRASIL, 2020, p. 3640-3641)

No discurso de Walton, merecem destaque as orações comportamentais representadas pelo processo *chorar*, tendo Mariana como comportante. Os processos materiais referem-se aos atos de embarcar e desembarcar do veículo e a ações com o aparelho celular. Os processos relacionais corroboram a ideia de que ela detinha consciência dos seus atos, mas que, de certa forma, parecia estar sob o efeito de alguma substância.

A relação de Walton com Mariana é restrita, pois ele não tinha envolvimento com o grupo que estava no local, assim como Roger Rodrigues da Silva que diz ter tomado conhecimento do ocorrido após divulgação do caso nas mídias sociais. Este último é um dos sócios do local do evento onde ocorreu o fato, o Café de *La Musique*, e costuma recepcionar e cultivar relações pessoais com personalidades influentes no Brasil e no mundo. Segundo os relatos, foi ele quem autorizou a entrada de Mariana no camarote acompanhada de André de Camargo Aranha. No seu depoimento, Roger esclarece (Excerto 12):

Que no dia do fato, pelo que lembra, não sabe se autorizou ou não *eles* subirem; [...] Que foi algo simples, não recorda de algo estranho, não lembra de nada que trata de algo estranho, normal, ele tinha pulseira, como vários outros clientes tem e podem subir; Que *ela*, também, como (*ela*) trabalhava lá, (*Mariana*) já conhecia o lugar, (*Mariana*) foi com ele normalmente, [...] Que chegou a ver *ela* de longe, viu *eles* conversando, (*eles*) falando, com naturalidade, nada de estranho. (BRASIL, 2020, p. 3642)

Nas orações materiais desse discurso, Mariana é ator. Na oração mental “Que chegou a ver *ela* de longe”, Mariana é fenômeno do processo em que ele é o experienciador. As orações verbais representam as falas de Mariana ditas a outras pessoas, o que contribui para a ideia de que não havia relação de proximidade entre eles. Vale lembrar, também, que é o primeiro depoente que declara ter visto vítima e acusado juntos.

O próximo excerto pertence ao Agente de Polícia Civil Fábio Silveira Volpato, que participou da segunda fase das investigações e foi convocado para prestar esclarecimento quanto ao seu trabalho durante as investigações. Não identificamos qualquer relação sua com a vítima ou com o acusado (Excerto 13):

As imagens consistiam na subida, um movimento no Café de La Musique. O ingresso *deles* no camarim e, depois, a descida (*de Mariana e André*) do camarim. [...] Há o deslocamento da *vítima* de uma casa noturna para a outra. Há a saída da *vítima* do Café. [...] Não teve contato com a *vítima*. No relatório de fl. 1.021, concluiu que a *vítima* possuía orientação espacial e uma boa capacidade motora em deslocamento, considerando as imagens que visualizou. As imagens tem 10 (dez) minutos. Há imagens da saída *dela* do Café de La Musique e sua chegada no 300 (trezentos). O percurso à pé é de 12 (doze) a 15 (quinze) minutos. A *Mariana*, de salto alto, utiliza 1 (um) ou 2 (dois) minutos a mais para realizar o percurso. (BRASIL, 2020, p. 3644)

É o discurso que apresenta mais orações existenciais relacionadas à Mariana: ela é participante existente nas imagens das câmeras de segurança do local do fato. O texto revela um olhar profissional e técnico sobre a investigação. As menções à Mariana são pontuais, mas o depoente enfatiza que ela tinha orientação espacial, o que, de certo modo, invalida a hipótese de ela ter sido dopada.

Essa objetividade discursiva também é percebida no relato da médica Mirella Francino Musumeci que avaliou as imagens e os laudos emitidos pela perícia a que Mariana foi submetida. É médica ortopedista e perita judicial e foi indicada pelo advogado do acusado. Seu relato contradiz a versão da vítima (Excerto 14):

Com base nas imagens que foram apresentadas, dá para ver claramente que a *vítima* possui controle motor, (*Mariana*) não apresenta distúrbio de marcha. (*Mariana*) Desce as escadas com sapato alto, no momento do fato. (*Mariana*) Teve planejamento e lembrança, (*Mariana*) recordou os amigos que estavam com *ela*, logo que (*Mariana*) desceu as escadas após os fatos. (*Mariana*) Recordar-se da situação, (*Mariana*) dá baixa na comanda, (*Mariana*) troca de casa noturna à pé, sozinha, uma distância de, aproximadamente, 500 (quinhentos) metros. Ainda, (*Mariana*) desvia de pessoas, (*Mariana*) tem a marcha super preservada. *Ela* conversa com uma colega, normalmente, enquanto (*Mariana*) dá baixa na comanda. Após, (*Mariana*) se dirige a outra casa noturna, sozinha, para (*Mariana*) buscar seus amigos. Assim, a *vítima* possui memória preservada, planejamento. Ainda, (*Mariana*) não possui nenhum distúrbio de marcha. (*Mariana*) Recobrou muito rapidamente a memória. (BRASIL, 2020, p. 3645)

No discurso apresentado no Excerto 14, os processos materiais foram utilizados para descrever as ações de Mariana nas imagens: *apresentar, desviar, descer, dirigir-se. Recordar* é processo mental, assim como os processos relacionais *ter, estar, possuir*, que traduzem a consciência dela diante das suas ações e representam Mariana como perfeitamente consciente de seus atos e movimentos. Sendo assim, fica subliminar a ideia de que Mariana faltou com a verdade em sua narrativa quando ela declara que não teve consciência durante a relação sexual.

O último excerto pertence ao empresário André de Camargo Aranha, acusado de estupro na denúncia feita por Mariana Ferrer. Vivia na Europa trabalhando com marketing esportivo e vinha ao Brasil para visitar a família e os amigos. É filho do advogado Luiz de

Camargo Aranha Neto, amigo pessoal do fundador das Organizações Globo, Roberto Marinho. Esse fato nos leva a deduzir que o acusado viveu em contextos sociais privilegiados, cercado de pessoas influentes na sociedade brasileira, onde o dinheiro e o poder estabelecem as relações.

Atuando como empresário do ramo esportivo, o acusado trabalhava negociando passes de jogadores, contexto no qual existe o senso comum de que mulheres, sobretudo aquelas de classe humilde, usam seus próprios corpos como meio de ascensão social. Com esse pensamento, seu discurso é construído de forma a demonstrar sua inocência a partir da ridicularização e da vulgarização de Mariana, como podemos notar a seguir (Excerto 15):

Que, depois, quando foi pagar a conta, essa *menina* se aproximou, nunca vai esquecer, (*Mariana*) fez um carinho em seu cabelo, (*Mariana*) flertou consigo; Que pagou a conta inteira, geralmente dividem, mas pagou inteira, seu amigo estava sem carteira; Que, não sabe o porquê, *ela* pediu para ir no banheiro; Que (*eles*) subiram uma escada, nunca tinha ido naquele lugar; Que foi muito rápido, tudo muito rápido, (*eles*) começaram a se beijar e (*eles*) se acariciar, que *ela* começou a fazer sexo oral, que *ela* se levantou, tinha um aparador, (*eles*) começaram a se beijar, (*eles*) se esfregaram, *ela* esfregou seu pênis *nela*, na calcinha, no bumbum, igual duas pessoas se beijando, normal; Que foi fazer sexo oral *nela*, sentiu um cheiro muito forte (*de Mariana*), já estava na mão, desconversou para sair daquela situação; Que falou para (*eles*) saírem jantar, para (*eles*) se encontrar lá embaixo, só iria fazer um xixi; Que *ela* desceu, nisso foi lavar a mão, estava com um cheiro muito forte (*de Mariana*); Que lavou, desceu pouco tempo depois *dela*, e não viu mais *ela*, que nisso foi jantar com todos que estavam no camarote; Que foi isso. (BRASIL, 2020, p. 3646)

Nesse discurso, notamos maior ocorrência de processos materiais, relacionados ao fazer. Quanto à classificação de Mariana como participante, os dados mostram que ocorre a opção por orações nas quais Mariana é ator ou ator/meta na maioria dos processos materiais. O propósito é retratar o mundo físico, quer dizer, representá-la como aquela que conduziu ações, que teve a iniciativa de se aproximar de acusado, seduzindo-o. Os processos comportamentais escolhidos são aqueles que têm relação com os materiais, mas foram classificados nesta categoria por representarem comportamentos humanos como *levantar*, *esfregar*. Tais escolhas léxico-gramaticais realizadas pelo depoente André de Camargo Aranha, o acusado, confirmam na materialidade da língua a intenção de construir uma narrativa que leve a crer que Mariana Ferreira foi, de fato, responsável pelo fato.

Diante do exposto, parece-nos que a imagem de uma mulher livre no que tange a suas escolhas amorosas e/ou sexuais também compromete a imagem de Mariana como vítima, já que, em nossa sociedade, ainda hoje, essa liberdade cabe aos homens. Nas narrativas apresentadas, Mariana foi julgada por seu comportamento social. Sua mãe, por exemplo, adota um discurso que atende ao estereótipo da mulher casta, meiga e vulnerável, em oposição aos

demais discursos que a caracterizam como alegre, sensual, bêbada ou embriagada, estabelecendo uma obrigatória relação entre castidade e estupro.

### **Considerações finais**

Os dados gerais apresentados demonstram maior ocorrência de processos materiais (44%), relacionados ao fazer, que representam a experiência e excluem do discurso a subjetividade. Este dado nos leva a ratificar a predominância dos processos materiais no gênero depoimento judicial, devido a sua relação com a representação da realidade e pela recorrência de sequências textuais narrativas. É também uma forma de denotar afastamento emotivo com a situação ou com os envolvidos.

Com relevante incidência, aparecem os processos relacionais (22%), fundamentais na representação das relações entre os participantes e para a caracterização de cada um deles. Os processos mentais (17%) traduziram as lembranças e as emoções dos enunciadores, seguidos dos verbais (9%), que introduziram as falas de Mariana. Os comportamentais (6%) têm ínfima representação no discurso jurídico por expressarem reações psicológicas e fisiológicas humanas. Já os existenciais (1%), também apareceram com pouca frequência, pois são mais comuns em narrativas impessoais.

Quantitativamente, a incidência de Mariana representada discursivamente como ator é a maioria: 96 orações (37%). Em segundo lugar, Mariana aparece como portador em 35 orações, quer dizer, em 13% das sentenças do *corpus*, ela carrega características que constroem sua imagem, ora como meiga e virgem, contribuindo para representação da vítima, ora como aquela que toma atitude, o que afastaria a possibilidade de ocorrência de estupro.

Nas orações mentais, Mariana é experienciador (13%) no seu próprio discurso e fenômeno (4%) nos discursos dos demais envolvidos. Há, ainda, a ocorrência do termo ou seus referentes representados por circunstâncias, como ocorre nos trechos “*ela esfregou seu pênis nela*” e “*Que foi fazer sexo oral nela*”, atribuindo a ela um valor de instrumento de prazer, de objetificação do corpo feminino, banalizando sua imagem. Percebemos que Mariana não parece ser uma pessoa, mas uma coisa, um objeto ou uma companhia com pouca relevância, como circunstância de lugar, o que a impessoaliza, vulgarizando seu corpo e tornando-a objeto de admiração e prazer.

Quanto à Mariana como comportante (6%), são poucas as ocorrências no *corpus* selecionado, mas não menos relevantes. Percebemos que prevalecem os processos

comportamentais próximos aos materiais e aos mentais, os últimos com muitas ocorrências do processo *chorar* presente nos discursos da mãe e do motorista de aplicativo.

As testemunhas narram seus momentos com Mariana durante o evento e todos que estavam presentes relatam a ingestão de bebida alcoólica por ela e alguma alteração no seu comportamento antes do fato que originou a denúncia, assim como declaram que Mariana já havia se relacionado com outros rapazes em situações anteriores. Nas orações relacionais, os depoimentos confirmam que Mariana bebeu e a ela são conferidos atributos como “embriagada”, que se contrapõe ao discurso do acusado e da perita judicial que afirmam que ela estava “sóbria”.

Desse modo, percebemos a relação entre a representação linguística e a representação feminina na sociedade. Fica subliminar, ao longo dos depoimentos, a ideia de que apenas as mulheres conservadoras e tradicionais poderiam ser vítimas de estupro, enquanto aquelas que não são castas, fazem uso de bebida alcoólica ou têm atitude nas relações de intimidade não são dignas da proteção da justiça e podem ser culpabilizadas por um ato sexual sem o seu consentimento.

Nesse ínterim, duas reflexões são importantes: a primeira, o fato de ela ter bebido ou de já ter se relacionado com outros homens não justificaria um estupro; a segunda, como seria possível confirmar a vulnerabilidade da vítima, já que ela poderia ter dito “não”, mas, sob efeito do álcool, não teria sido capaz de impedir que o ato sexual acontecesse?

Essa inquietação provocada pelos valores socioculturais que, de maneira geral, as mulheres carregam, é o que motivou a escolha pelo sistema de transitividade como ferramenta para auxiliar na representação discursiva de Mariana Ferrer. A partir dos pressupostos da metafunção ideacional, foi possível analisar a imagem dela construída a partir dos processos e participantes presentes nas narrativas dos envolvidos no caso.

Mariana e sua mãe discursaram com a tentativa de comprovar a vulnerabilidade da vítima durante a relação sexual. Com esse propósito, a representação dela é construída a partir da comprovação da sua virgindade, ressaltando um comportamento de moça reservada que não tem namorado, não ingere bebida alcoólica e que é controlada e vigiada pela mãe.

Já no discurso do policial e da médica perita, percebemos a opção pelo uso de processos materiais e existenciais que caracterizam o distanciamento do fato e descartam as hipóteses levantadas pela vítima, ainda que atestem o rompimento do hímen de Mariana na ocasião do que ato sexual com o acusado.

Por fim, a narrativa do acusado expressa a objetificação do corpo feminino disseminador de signos, símbolos e informações e fruto de regras de comportamento culturalmente impostas às mulheres e construídas por homens. No seu discurso, Mariana é aquela que executou as ações representadas pelos processos *esfregar, acariciar, fazer sexo oral*, ressaltando um pensamento que condiz com a reprovação de uma conduta sexual inapropriada para uma mulher, esta que deveria se enquadrar num padrão de comportamento que ressalte sua fragilidade e pureza, arquétipos da figura feminina.

Em suma, concluímos que a linguagem usada pelos depoentes para construir as representações de Mariana a tornam executora de todas as etapas relacionadas ao ato, desde a sua chegada ao local até a sua saída. Apenas o seu discurso e o de sua mãe pretendem ressaltar a sua vulnerabilidade durante o ato sexual, mas são esvaziados no decorrer da narrativa dos demais depoimentos. Percebemos que sua representação dialoga com valores socialmente construídos durante nossa História e, por isso, evidencia a urgência de ressignificarmos a percepção da figura feminina, cujo empoderamento é, sem dúvida, um processo de transformação social que deve passar, necessariamente, pela linguagem.

## Referências

BRASIL. Poder Judiciário da Comarca da Capital do estado de Santa Catarina (3. Vara Criminal). *Ação Penal - Procedimento Ordinário/PROC. Autos nº 0004733-33.2019.8.24.0023*. Autor: Ministério Público do Estado de Santa Catarina. Réu: André de Camargo Aranha. Relator: Juiz Marcos Rudson. Florianópolis, set. 2020, p. 3602-3652.

FUZER, C. & CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

FUZER, C. *Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do Direito representam atores sociais em um sistema de gêneros*. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing experience through meaning: a language base approach to cognition*. London: Cassel, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4 ed. London: Routledge. 2014.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

*Recebido em 30 de abril de 2022*  
*Aceito em 11 de outubro de 2022*